



tradução MARÍLIA GARCIA



SCHOLASTIQUE MUKASONGA

NOSSA SENHORA DO NILO

© Editora NÓS, 2017

© Editions Gallimard, 2012

Direção editorial SIMONE PAULINO

Editora assistente SHEYLA SMANIOTO

Projeto gráfico BLOCO GRÁFICO

Assistente de design LAIS IKOMA, STEPHANIE Y. SHU

Revisão LIVIA LIMA

Produção gráfica ALEXANDRE FONSECA

Foto da autora [p. 264]: © Photo C. Hélie © Editions Gallimard

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mukasonga, Scholastique

Nossa senhora do Nilo: Scholastique Mukasonga

Título original: *Notre-dame du Nil*

Tradução: Marília Garcia

São Paulo: Editora Nós, 2017.

264 pp.

ISBN 978-85-69020-20-2

1. Romance francês I. Título.

17-05688 / CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora NÓS

Rua Funchal, 538 – cj. 21

Vila Olímpia, São Paulo SP | CEP 04551 060

[55 11] 3567 3730 | www.editoranos.com.br

Fonte BELY Papel POLÉN SOFT 80 g/m² Impressão INTERGRAF

A VOLTA ÀS AULAS

Que deslumbrante o liceu Nossa Senhora do Nilo para quem vê de fora! A estrada que vai da capital até lá percorre um labirinto infundável de vales e colinas até acabar, quando menos se espera, num zig-zague íngreme pelas montanhas Ikibira (que os livros de geografia chamam, por falta de um nome melhor, de cadeia Congo-Nilo). É justo ali que está o imponente prédio do liceu: é como se os cumes tivessem se afastado para ele entrar no meio, na beira da encosta, de onde se pode ver, ao fundo, o lago cintilante. No topo da montanha fica o liceu reluzindo seu brilho para as alunas, ele é como o palácio iluminado dos seus sonhos inacessíveis.

A construção do liceu foi um espetáculo à parte, que não vai ser esquecido tão cedo em Nyaminombe. Para não perder nenhum detalhe, os homens desocupados abriam mão de sua cerveja nos bares, as mulheres voltavam mais cedo das plantações de ervilha e painço, e as crianças da escola missionária, no soar dos tambores que anunciavam o término da aula, saíam correndo, se acotovelando no meio da multidão que observava e comentava as obras, para ficar na primeira fileira. Os alunos mais agitados já tinham deixado a escola mais cedo para espreitar, no caminho, a nuvem de poeira que anunciava a chegada dos caminhões. Logo que o cortejo chegava na parte alta,

eles corriam atrás do veículos tentando se agarrar e pegar uma carona. Alguns conseguiam, outros caíam pelo caminho e, por pouco, não eram esmagados pelo caminhão seguinte. Em vão, os motoristas gritavam para afastar o enxame de imprudentes. Alguns chegavam a parar o veículo e a descer, os estudantes fugiam, o motorista fingia correr atrás deles, mas logo que o caminhão dava o arranque, o jogo recomeçava. Nos campos, as mulheres erguiam suas enxadas aos céus em sinal de impotência e desespero.

Todo mundo estava bastante surpreso de não ver pirâmides de tijolos fumegantes ou um cortejo de camponeses carregando tijolos na cabeça, como acontecia quando o *umupadri* pedia aos fiéis para construir uma nova sucursal da igreja, ou quando o prefeito convocava a população aos sábados para as obras comunitárias, como a ampliação de um centro hospitalar ou a sua própria casa. Em Nyaminombe havia um verdadeiro canteiro de brancos, um verdadeiro canteiro de verdadeiros brancos, com máquinas assustadoras com suas mandíbulas de ferro que revolviam e cavavam a terra, e caminhões que carregavam essas máquinas e faziam um barulho infernal e cuspiam cimento, e supervisores que, aos gritos, davam ordens em suaíli para os pedreiros, e havia até brancos supervisores, que nada mais faziam além de olhar as enormes folhas de papel que eles desenrolavam como os retalhos de tecido comprados nas lojas paquistanesas, e que ficavam loucos de raiva,

cuspiendo fogo pela boca, quando precisavam falar com os supervisores negros.

De todas as lendas que contam do canteiro de obras, a que ficou gravada na memória foi a história de Gakere, ou o caso Gakere. Sempre que contam essa anedota, todos riem. Ao fim de cada mês, era o dia de pagamento em Nyaminombe. Dia 30, um dia perigoso. Perigoso para os contadores, que ficavam expostos às reclamações dos assalariados. Perigoso para os trabalhadores, que sabiam que neste dia, o único dia que suas mulheres sabiam a data, elas não estariam no campo, mas esperariam os maridos na soleira da cabana para fazer as contas e pegar o dinheiro, prender o fino maço de notas com uma fita de folha de bananeira e guardá-lo em um pequeno jarro que elas escondiam debaixo da palha na cabeceira da cama. Dia 30 era o dia de todas as brigas e mal-entendidos.

As mesas dos contadores ficavam debaixo de lonas ou abrigos de palha e bambu. Gakere era contador, ele que pagava os trabalhadores. Ele era um antigo subchefe de Nyaminombe que fora “expulso”, como tantos outros, por autoridades coloniais, para ser substituído por um subchefe hutu, que logo se tornaria prefeito. Contrataram Gakere pois ele conhecia todo mundo que trabalhava na obra, os que tinham sido contratados no local e não falavam suaíli. Para os outros, os pedreiros de verdade, os que

vinham de outros lugares e falavam suaíli, os contadores eram enviados da capital. Todo mundo formava uma fila diante das mesas dos contadores, debaixo de Sol ou de chuva (chuva era mais frequente) e sempre havia gritos, confusão, controvérsias, protestos, recriminações. Os mais fortes, que tomavam conta do canteiro de obras, restabeleciam a ordem batendo nos resistentes para acalmá-los, o prefeito e os dois policiais não queriam se meter, e nem os brancos. Assim, Gakere se instalava debaixo do abrigo, com uma caixinha sob o braço. Ele se sentava na cadeira, colocava a caixinha em cima da mesa, abria a tampa e ela estava cheia de notas. Ele desdobrava lentamente uma folha com a lista de nomes dos que iriam receber e que esperavam, durante horas, debaixo de Sol ou de chuva. Ele começava a chamada: Bizimana, Habineza... O trabalhador avançava até a mesa, Gakere punha diante dele as poucas notas e moedas que lhe correspondiam, o trabalhador colocava o dedo sujo de tinta ao lado do seu nome e Gakere lhe dirigia algumas palavras enquanto marcava um x ao lado do seu nome. Durante um dia inteiro, Gakere voltava a ser o chefe que ele fora.

Mas, um dia, Gakere e sua caixinha debaixo do braço não foram mais vistos. Logo se soube que ele fugira com a caixinha cheia de dinheiro. Disseram que tinha ido para o Burundi, Gakere esperto, foi embora com o dinheiro dos *bazungus*, mas será que agora vamos ganhar nosso salário? Todo mundo admirava

Gakere e lhe queria bem: talvez ele não tivesse pego o dinheiro destinado às pessoas de Nyaminombe, deve ter dado um jeito de pegar o dinheiro de outra caixa. Acabaram pagando os trabalhadores mesmo assim. Ninguém mais quis bem à Gakere e não ouviram falar dele durante dois meses. Ele tinha abandonado a mulher e duas filhas. O prefeito interrogara as três, os policiais vigiavam o que elas faziam, mas elas não estavam a par dos projetos desonestos de Gakere. Corria um boato de que ele pretendia, com o dinheiro, arrumar uma nova mulher em Burundi, mais jovem e mais bonita. Até que ele chegou, com as mãos presas para trás e conduzido por dois militares, de volta a Nyaminombe. Ele não tinha conseguido chegar em Burundi, tinha ficado com medo de passar pela floresta de Nyungwe por causa dos leopardos, dos macacos enormes e, até mesmo, dos elefantes, que já não existiam há muito tempo. Gakere atravessara o país inteiro, a caixinha debaixo do braço. Em Bugesera, ele tinha tentado cruzar os grandes pântanos e se perdeu, Burundi estava tão perto, mas ele ficou andando em círculos entre os papiros, sem nunca conseguir chegar até a fronteira. É verdade também que não havia indicação de fronteira. Por fim, encontraram-no à beira do pântano, esgotado e magro, com as pernas inchadas. As notas tinham virado uma pasta esponjosa boiando dentro da caixinha cheia de água. Para servir de exemplo, prenderam-no durante um dia inteiro num poste que

ficava na entrada do canteiro de obras. Ao passar por Gakere, os pedreiros não o insultavam nem cuspiam, só baixavam a cabeça, fingindo não vê-lo. A mulher e as duas filhas ficaram sentadas aos seus pés e, de vez em quando, uma delas levantava para secar o rosto dele ou lhe dar algo para beber. Ele foi julgado, mas não ficou muito tempo preso. Não o viram mais em Nyaminombe. Talvez, por fim, tenha ido a Burundi, com a mulher e as filhas, mas sem a caixinha. Alguns achavam que os *bazungus* tinham lançado um feitiço sobre as notas, e que essas notas malditas haviam feito o coitado andar em círculos e, por isso, ele nunca tinha conseguido chegar a Burundi.

O liceu é um prédio grande de quatro andares, mais alto que os ministérios da capital do país. As alunas recém-chegadas do campo, no começo não ousavam se aproximar das janelas do dormitório do quarto andar. “Parece que vamos dormir penduradas que nem os macacos”, diziam. As veteranas e as moças da cidade zombavam delas e empurravam-nas até as janelas: “Olhem pra baixo”, diziam, “vocês vão despencar e cair dentro do lago”. Com o tempo, acabavam se acostumando. A capela, quase tão grande quanto a igreja missionária, também é de cimento, mas a sala de ginástica, o escritório da intendente, os ateliês e a oficina do irmão Auxile são de tijolo. Eles formam um pátio interno fechado por um muro onde tem um portão de ferro que faz um rangido sonoro quan-

do fecha à noite ou abre pela manhã, rangido mais alto do que o sinal para dormir e acordar.

Um pouco afastadas dali, ficam algumas casinhas de um só andar chamadas de *villas* ou bangalôs, onde se hospedam os professores que estão em sistema de cooperação. Além dessas casinhas, há uma casa maior, chamada sempre de bangalô, reservada aos hóspedes notáveis, por exemplo, algum ministro que porventura venha, ou um bispo cuja visita é aguardada todos os anos. Às vezes hospedam turistas da capital ou europeus que vão para conhecer a nascente do Nilo. Entre as casas e o liceu, há um jardim com mato, canteiros de flores, bambuzais e, principalmente, uma horta, onde os jardineiros cultivam repolhos, cenouras, batatas, morango e, até mesmo, trigo. Os tomates plantados ali acabam esmagando, por serem pesadões, os *inyanyas*, pobres tomatinhos nativos. A irmã intendente adora mostrar aos hóspedes este pomar exótico, que tem também damasqueiros e pessegueiros, todos trazidos de fora e que, claramente, sentem saudades de seu clima de origem. A madre superiora vive repetindo que as alunas precisam se habituar à comida civilizada.

O muro de tijolo bem alto foi construído para desencorajar os inoportunos e os ladrões. E, à noite, os guardas armados com lanças fazem a ronda e tocam conta do portão de ferro.

Depois de um tempo, os moradores de Nyaminombe deixaram de prestar atenção no liceu. Agora ele é como os enormes rochedos de Rutare que parecem ter rolado da encosta da montanha e parado ali, não se sabe exatamente por que naquele lugar. Contudo, o canteiro de obras do liceu mudou bastante o funcionamento das coisas no município. Logo instalaram cabanas ao redor dos acampamentos dos pedreiros: comerciantes, que antes ficavam perto da missão, e outros que tinham vindo não se sabe de onde, lojas que vendiam, como em todas as lojas, cigarros a varejo, óleo de palma, arroz, sal, queijo Kraft, margarina, óleo para as lâmpadas, cerveja de banana, cerveja Primus, Fanta Laranja e, de vez em quando, mas nem sempre, pão... Havia também bares, que chamavam de “hotéis”, em que se comia espeto de carne de cabra com banana assada e feijão, e choupas para as mulheres livres, que envergonhavam o vilarejo. Quando o canteiro acabou, a maioria dos comerciantes foi embora e todas as mulheres livres também, mas sobraram três bares, duas lojas e um alfaiate: eles passaram a formar um novo vilarejo à beira da estrada para o liceu. Até o mercado, que tinha se deslocado para perto das barracas dos trabalhadores, ficou junto das lojas.

Mas ainda tinha uma ocasião que atraía os curiosos e desocupados de Nyaminombe para o liceu Nossa Senhora do Nilo. Era o domingo da volta às aulas,

em outubro, no fim da estação seca. Todos se espremiavam às margens da estrada para admirar o desfile de carros que levavam as alunas. Passavam Mercedes, Range Rovers, jipes militares imensos, com motoristas irritados que buzonavam, fazendo gestos de ameaça enquanto tentavam ultrapassar os táxis, caminhonetes, microônibus cheios de adolescentes, todos subindo com dificuldade a última encosta.

As estudantes desembarcavam, uma a uma, diante da pequena multidão que era mantida à distância das grades da entrada, vigiadas por dois policiais municipais e pelo próprio prefeito. Um rumor percorreu os espectadores quando Gloriosa, que vinha entre a mãe e Modesta, desceu da Mercedes preta com vidro fumê. “Ela é a cara do pai”, comentou o prefeito que tinha estado com este homem importante em uma reunião do partido, “e ela faz um bom uso do nome que seu pai lhe deu, Nyiramasuka, A-mulher-da-enxada”, e repetiu o comentário bem alto para os militares ouvirem e espalharem a onda de admiração. Pela estatura imponente, é certo que Gloriosa se parecia com o pai: as colegas chegaram a apelidá-la, sem que ela soubesse, de Mastodonte. Ela usava uma saia azul-marinho que cobria, quase por inteiro, sua panturrilha musculosa e uma camisa branca abotoada até o pescoço, que mal continha seus seios generosos. Óculos grossos e redondos confirmavam a autoridade incontestável do olhar. O padre Her-

ménégilde abandonou as novas alunas do primeiro ano, que estavam sob a sua responsabilidade, para ordenar aos dois empregados do liceu que pegassem as malas que carregava o motorista de Gloriosa, vestido de camisa de manga curta com botões dourados. Depois, o padre se dirigiu com pressa às recém-chegadas e, se antecipando à irmã Gertrude que cuidava da recepção de todos, cumprimentou mãe e filha com os abraços habituais, se perdendo em inúmeras fórmulas de boas-vindas próprias da educação ruanesa. Ele foi logo interrompido pela mãe de Gloriosa com a desculpa de que ela precisava ir falar com a madre superiora a fim de ir embora para a capital o quanto antes pois lhe aguardava um jantar na casa do embaixador da Bélgica, ela tinha certeza de que sua filha receberia no liceu Nossa Senhora do Nilo a educação democrática e cristã que convinha à elite feminina deste país que há pouco fizera a revolução social que o livrara das injustiças feudais.

Gloriosa disse que ficaria na entrada, ao lado da irmã Gertrude, sob a bandeira da República, para recepcionar as colegas do último ano e anunciar que uma primeira reunião do comitê presidido por ela aconteceria no dia seguinte, no refeitório, depois do estudo. Modesta disse que ficaria ao lado da amiga.

Pouco tempo depois, Goretti também fez uma entrada notável. Ela ficou de pé atrás de um enorme veículo militar com seis enormes pneus dentados que

impressionaram o público. Dois soldados uniformizados a ajudaram a descer, chamaram os empregados para pegar bagagens e se despediram da passageira fazendo um cumprimento militar. Goretti tentou abafar o quanto pôde o entusiasmo de Gloriosa:

– Você sempre age como se fosse uma ministra – disse discretamente.

– E você, como se fosse primeira-ministra – replicou Gloriosa – mas trate de passar logo pelo portão, no liceu só se fala francês, e lá poderemos, enfim, entender o que dizem as pessoas de Ruhengeri.

Enquanto o Peugeot 404 subia a última ladeira, Godelive reconheceu, enrolada em um pano, Immaculée, e fez o carro parar imediatamente. A colega vinha a pé, seguida por um menino todo esfarrapado que carregava sua mala na cabeça.

– Immaculée! O que aconteceu? Entre aqui rápido. O carro do seu pai quebrou? Você veio andando da capital até aqui?

Immaculée tirou seu pano e se instalou ao lado de Godelive enquanto o motorista guardava a mala. O pequeno carregador bateu no vidro para pedir um trocado e Immaculée lançou a ele uma moedinha.

– Não conta para ninguém, foi meu namorado que me trouxe de moto. Ele tem uma moto enorme, é a maior moto de Kigali, talvez seja a maior de Ruanda. Ele tem muito orgulho da sua moto, e eu tenho orgulho de namorar um cara que tem a maior

moto do país. Eu subo na garupa e a gente vai pelas ruas na maior velocidade, a moto rugindo feito um leão. Todo mundo entra em pânico e sai correndo, as mulheres derrubam seus cestos e jarros, meu namorado se diverte. Ele prometeu que vai me ensinar a dirigir a moto. E eu vou andar ainda mais rápido. Ele me disse que ia me levar ao liceu de moto e eu aceitei. Fiquei com um pouco de medo, mas foi emocionante. Meu pai estava em Bruxelas numa viagem de negócios, então disse à minha mãe que viria com uma amiga. Ele me trouxe até a última curva. Já imaginou o escândalo que seria se a mãe superiora me visse chegando de moto! Me mandariam de volta para casa. Mas olha o meu estado, estou toda suja de poeira vermelha, estou horrível. Vão pensar que meu pai não tem mais carro, que eu vim de Toyota, no meio das cabras e das bananas, na companhia de camponeses que carregam os filhos nas costas. Que vergonha!

– Você vai tomar um banho e, depois, com os produtos que traz na mala, vai ficar novinha em folha.

– Você tem razão, consegui encontrar uns cremes para clarear a pele, não o Vênus de Milo que tem aqui no mercado, mas cremes americanos, tubos de Cold Cream, sabonetes verdes antissépticos, foi minha prima que comprou em Matonge, um bairro em Bruxelas. Vou te dar um tubo.

– E o que eu vou fazer com ele? Algumas pessoas são bonitas, ou acreditam na beleza; outras, não.

– Você parece tão triste, não está contente com a volta às aulas?

– Por que eu estaria contente? Sempre tiro as piores notas, aqui os professores têm pena de mim, não vocês, minhas amigas queridas. Só venho porque meu pai quer que eu continue. Ele espera que eu consiga, com o diploma, me casar com um banqueiro como ele. Mas além disso ele também tem um outro projeto.

– Coragem, Godelive, é o último ano e depois você vai se casar com um grande banqueiro.

– Não zombe de mim, talvez eu tenha uma surpresa, uma grande surpresa!

– Posso saber qual?

– Claro que não, afinal, é surpresa.

Gloriosa recebeu Godelive e Immaculée com desdém e lançou um olhar de desprezo para a calça justa e a camisa com um largo decote de Immaculée. Ela percebeu que a outra estava coberta de poeira, mas desistiu de saber o motivo, e não deu a menor atenção para Godelive.

– Espero que vocês duas possam ser verdadeiras militantes este ano, disse ela em voz baixa, ao contrário do ano passado. Nossa República precisa de muito mais do que vaidade e um pai banqueiro.

Immaculée e Godelive fizeram uma cara de que não tinham entendido.

Conduzidas pelo padre Herménégilde, o grupo tímido das novas alunas cruzou o portão sob o olhar indagador de Gloriosa:

– Você está vendo, Modesta – suspirou ela – o regime anterior deixou alguns resquícios no Ministério. Eles são muito flexíveis com as cotas. Se contei bem, e olha que contei só as que conheço, as que tenho certeza, esse número está bem além da porcentagem combinada. É uma nova invasão! Para que terá servido a revolução social dos nossos pais se deixarmos as coisas como estão? Vou fazer uma denúncia ao meu pai. Mas acho também que nós temos de controlar as coisas, e, desta vez, acabar com os parasitas. Já falei com o Escritório da Juventude Militante Ruandesa, eles são da mesma opinião. Eles me escutam. Não foi à toa que meu pai me deu este nome, Nyiramasuka.

Desde que o liceu começou suas atividades, nunca tinham visto em Nyaminombe um carro como o que levou Frida. Era um carro baixo, muito comprido, de um vermelho vivo, com uma capota que dobrava e desdobrava sem ninguém encostar nela. O carro tinha apenas dois lugares. O motorista e o passageiro ficavam esticados nos bancos como se estivessem numa cama. Ele fazia um barulho de trovão e arrancava, deixando atrás de si um redemoinho de poeira vermelha. Por um momento, acharam que o carro ia derrubar o portão e atropelar a irmã Gertrude, Glo-

riosa e Modesta, mas ele parou, fazendo um ruído infernal, bem na frente do mastro da bandeira.

Um homem bem mais velho, usando terno completo e um colete florido, óculos escuros com a armação dourada, cinto e sapatos de couro de crocodilo, desceu do carro, foi abrir a porta para Frida e a ajudou a se levantar do banco no qual estava afundada. Frida alisou o vestido que se armou, enorme como um guarda-chuva e de um vermelho tão vivo quanto o do carro. Dava para imaginar, por baixo do mínimo lenço de seda púrpura, seus cabelos brutalmente alisados, armados e engomados, que brilhavam ao Sol como o asfalto usado para cobrir, recentemente, algumas ruas de Kigali.

Ignorando Gloriosa e Modesta, o condutor do carrão se dirigiu à irmã Gertrude:

– Sou Sua Excelência Jean-Baptiste Balimba, embaixador do Zaire. Tenho uma reunião com a madre superiora. Conduza-me já até ela.

A Irmã Gertrude, chocada por alguém lhe falar nesse tom e, pior, em suaíli, hesitou por um instante, mas vendo que o homem parecia decidido a forçar a passagem e cruzar o portão mesmo sem permissão, resignou-se a lhe atender.

– Aguarde-me no hall – disse ele a Frida – vou resolver isso e não demoro.

Gloriosa se afastou ostensivamente do portão e foi até um grupo de nove alunas do último ano que desciam do microônibus.

– Aí está a nossa cota – disse ela ao ver chegar uma caminhonete que parecia se curvar pelo peso de uma pirâmide vacilante de barris e caixas de papelão mal arrumadas. – Está vendo, Modesta, nada vai impedir que os tutsis façam o seu tráfico: mesmo quando levam as filhas para a aula, fazem questão de lucrar. Eles deixam as mercadorias na loja de Nyaminombe, mas quem é o dono da loja? É um tutsi, claro, parece que é um parente distante do pai de Veronica, comerciante em Kigali. E essa aí, a Veronica, se acha mais bonita que as outras, vai acabar vendendo a si mesma. E Virgínia, sua amiga, a queridinha dos professores brancos, se considera a mais inteligente. Você conhece o nome dela? Mutamuriza, Não-a-faça-chorar! Juro para você que vou desmentir esse nome. A cota funciona assim: de vinte alunas, duas são tutsis. Por causa delas, tenho amigas que são ruandesas de verdade, do povo majoritário, do povo da enxada, que não conseguiram vaga na escola secundária. Meu pai vive repetindo que um dia a gente tem de se livrar dessas cotas, foi uma história inventada pelos belgas!

Modesta tinha acompanhado o discurso de Gloriosa, expressando aprovação, mas quando Gloriosa começou a abraçar Veronica e Virginia não só com educação, mas também com força, ela se manteve à distância. Quando as duas tutsis se afastaram, Gloriosa disse:

– Os abraços apertados servem para sufocar essas serpentes mas, você, Modesta, tem medo de ser con-

fundida com as suas meias-irmãs... É verdade que você se parece com elas, mas, apesar de tudo, tenho que aguentar você do meu lado.

– Você sabe muito bem que eu sou sua amiga.

– É melhor para você que continue sendo minha amiga – disse Gloriosa rindo alto e forte.

Ao anoitecer, o sinal tocou e o portão fez um rangido ao se fechar: era o anúncio solene do início do ano escolar. As inspetoras já haviam conduzido as jovens para os respectivos dormitórios. As alunas do último ano tinham direito a alguns privilégios. O dormitório delas era dividido em alcovas para garantir, a cada uma, certa intimidade. Era uma intimidade relativa, pois as camas, chamadas de “quartos”, ficavam separadas do corredor onde a inspetora fazia a ronda por apenas uma leve cortina verde que a irmã podia abrir a qualquer momento. Mesmo que tratada pela madre superiora como um exemplo de progresso e emancipação, alcançado pelas alunas graças à educação concedida pelo liceu Nossa Senhora do Nilo, essa divisória das camas não era apreciada por todas. Elas não podiam mais ficar cochichando tagarelices com as vizinhas de cama até cair no sono. Além do mais, se perguntavam elas, as meninas podem dormir sozinhas? Em casa, as mães cuidavam para que pequenas dividissem suas camas ou esteiras com as grandes. Seriam mesmo irmãs se não dormissem abraçadas umas às outras? E para serem amigas de

verdade, não precisavam fazer confissões compartilhando a mesma esteira? Elas achavam difícil pegar no sono na solidão da alcova e ficavam espreitando, por detrás da divisória, a respiração das vizinhas, para poderem se acalmar um pouco. No dormitório das alunas do segundo ano, a irmã Gertrude reiterou que as internas não deveriam aproximar as camas: “Aqui, disse ela, estamos no liceu e não em casa. Dormimos sozinhas, cada uma em sua cama, como pessoas civilizadas”.

Ordenaram que as alunas vestissem o uniforme e fossem em fila, de duas em duas, para a capela, onde a Madre superiora e o padre Herménégilde fariam um discurso de boas-vindas. Elas se sentaram nos bancos da capela, as que ainda não tinham uniforme ou que haviam esquecido em casa foram relegadas aos bancos do fundo.

A madre superiora e o padre Herménégilde saíram de trás do altar, fizeram uma genuflexão diante do tabernáculo e se viraram para as alunas. Ficaram durante um tempo em silêncio. O padre Herménégilde lançou um sorriso paternal na direção das alunas novas que ocupavam a primeira fila.

Por fim, a madre superiora tomou a palavra. Deu as boas-vindas a todas as alunas e, especialmente, às que estavam entrando no liceu. Lembrou que o objetivo do liceu era formar a elite feminina do país, as que tinham a sorte de estar ali na frente dela se tornariam modelos para todas as mulheres de Ruan-

da: não apenas boas esposas e boas mães, mas também boas cidadãs e boas cristãs, já que uma coisa dependia da outra. As mulheres também tinham um papel importante a desempenhar na emancipação do povo ruandês. E eram elas, as alunas do liceu Nossa Senhora do Nilo, as escolhidas para tomarem a dianteira no avanço das mulheres. Mas, enquanto esperavam para ser o motor do progresso, lembrou ela com veemência, era preciso que obedecessem ao pé da letra as normas do liceu. A menor infração seria punida com severidade. Ela ainda queria chamar atenção para um ponto: dentro dos limites do liceu, a única língua que deveria ser falada era o francês, com exceção, é claro, das aulas de kinyarwanda, mas apenas em aula poderiam usá-la. Ao lado dos futuros maridos, que ocupariam cargos altos (aliás, elas próprias também poderiam ocupar cargos altos, não?), a língua a ser usada era o francês. E, atenção, era preciso banir absolutamente, em um liceu que tinha o nome da Virgem, qualquer palavra em suaíli, língua deplorável falada pelos seguidores de Maomé. Ela desejava a todas um excelente ano, com muitos estudos, e clamava a benção da Nossa Senhora do Nilo.

O padre Herménégilde fez um discurso longo, e um pouco confuso, que destacava que o povo da enxada, desbravador das imensas florestas de Ruanda até então impenetráveis, tinha, finalmente, se libertado dos novecentos anos de dominação camita. Ele

próprio, que era na época da revolução um humilde padre do clero local, tinha contribuído, é claro que bem modestamente, mas esta noite podia confidenciar sua contribuição à revolução social que aboliria a servidão e o trabalho forçado. Embora não tenha feito parte dos que assinaram o Manifesto Hutu, de 1957, ele era, sem se gabar, um dos principais inspiradores: as ideias e as reivindicações expostas ali eram dele. Por fim, convidou todas essas moças belas, jovens e promissoras, que estavam ali ouvindo ele e que um dia se tornariam grandes damas, a se lembrarem sempre da raça à qual pertenciam, a raça majoritária, a única autóctone e...

A madre superiora, um pouco assustada com aquele fluxo de eloquência, interrompeu o orador com o olhar:

– ...E agora, disse o padre Herménégilde, gaguejando, vou lhes dar a benção e pedir a proteção da Nossa Senhora do Nilo que vela por nós tão de perto, na nascente do grande rio.

OS TRABALHOS E OS DIAS

*- marcas da
tempo
- corre rápido
miguens*

A semana da volta às aulas quase sempre coincidia com a chegada da chuva. Quando demorava a chover, o padre Herménégilde pedia às alunas para irem, no domingo após a missa, oferecer flores à Nossa Senhora do Nilo. As alunas colhiam as flores, sob o olhar preocupado da irmã intendente que temia ver seus canteiros devastados, e depois iam colocar os ramalhetes ao pé da estátua, diante da nascente que nunca secava. Quase sempre, essa peregrinação era desnecessária. Um trovão com um forte estrondo se propagando sem fim do vale até o lago marcava a chegada da estação chuvosa. O céu, mais escuro que o fundo de uma panela velha, despejava as cataratas que as crianças de Nyaminombe celebravam alegremente gritando e dançando.

Para as alunas do último ano, a rotina do liceu não era mais um mistério. Elas não se assustavam mais com os barulhos que acordavam o liceu: o rangido do portão se abrindo, o toque do sinal do liceu, os apitos das inspetoras que percorriam os dormitórios repreendendo as que demoravam a sair da cama. Godelive era sempre a última a se levantar, ficava choramando que queria ir embora do liceu, que ela não era feita para os estudos. Modesta e Immaculée a encorajavam, repetindo que as férias de Natal já se aproximavam, que aquele era o último ano, e acaba-

vam tirando-a da cama à força. Elas tinham de tirar a camisola depressa, se enrolar em uma das grandes toalhas brancas que a irmã intendente distribuía na volta às aulas prendendo-a debaixo da axila, correr para o banheiro e se atropelar para encontrar uma das torneiras (o chuveiro era para a noite). Graças ao seu tamanho, Gloriosa era a primeira a conseguir se inclinar para a água que jorrava, mas em qualquer situação seria preciso lhe dar lugar. Depois de fazer a higiene, sobrava pouco tempo para passar o vestido azul do uniforme e ir ao refeitório comer mingau com chá. Virginia engolia de olhos fechados, se esforçando para pensar no delicioso *ikivuguto*, leite batido que a mãe dela preparava todos os dias durante as férias.

Ela afastava a xicrinha de açúcar que as outras disputavam com violência, mesmo as que tinham um estoque de açúcar para encher metade de suas xícaras fazendo uma papa açucarada. Para Virginia, o açúcar tinha um gosto amargo horrível. Nas montanhas era muito raro ter açúcar. Até entrar no sexto ano, Virginia nunca tinha visto na vida tanto açúcar quanto o que tinha na xícara de café da manhã em cada mesa do refeitório. Virginia pensava em suas irmãs mais novas. Se ao menos ela pudesse levar para elas o conteúdo da xicrinha! E imaginava como elas ficariam com o contorno dos lábios brancos de açúcar. Virginia decidiu pegar discretamente algumas pitadas do pó valioso que enchia a

xicrinha, mas não era nada fácil. Guloseima muito cobiçada, o açúcar ficava sob alta vigilância. Além disso, como ela era tutsi, a xícara vinha por último e quase vazia. Com todo o cuidado, ela recolhia em sua colherzinha o que sobrava e, em vez de colocar na tigela, ela jogava os grãos de açúcar, discretamente, o mais rápido possível, em um dos bolsos do uniforme. Toda noite, esvaziava o bolso. No final do trimestre, ela tinha conseguido encher metade de um envelope. Mas Dorothée, sua vizinha de mesa, surpreendera a manobra. Na véspera das férias, ela disse:

– Você é uma ladra, vou contar o que eu vi.

– Eu não sou uma ladra!

– É, sim, você rouba açúcar todas as manhãs e acha que eu não estou vendo. Durante as férias, você vai vender o açúcar roubado no seu vilarejo, no campo, no mercado.

– Vou levar para as minhas irmãs mais novas pois não tem açúcar no campo. Por favor, não me denuncie.

– Bom, a gente pode conversar. Você é a melhor aluna em francês. Se você fizer a minha próxima redação, não conto nada.

– Deixe eu levar açúcar para as minhas irmãs.

– Só se você fizer as minhas redações até o fim do ano.

– Eu faço. Juro que faço, até o fim do ano.

O professor se surpreendeu com o progresso repentino de Dorothée. Ele suspeitou que houvesse al-

guma trapaça, mas desistiu de averiguar. A partir daí, Dorothée passou a ter as melhores notas em francês.

O sinal tocou outra vez. As aulas iam começar. Francês, matemática, religião, higiene, história-e-geografia, educação física, esporte, inglês, kinyarwanda, costura, francês, culinária, história-e-geografia, física, higiene, matemática, religião, inglês, costura, francês, religião, francês...

Os dias iam passando, as aulas iam e vinham, umas depois das outras.

No corpo docente do liceu Nossa Senhora do Nilo, só havia duas ruandesas: a irmã Lydwine e, evidentemente, a professora de kinyarwanda. A irmã Lydwine era professora de história-e-geografia, mas ela fazia uma distinção clara entre as duas disciplinas: segundo ela, a história se referia à Europa, a geografia, à África. A Irmã Lydwine era apaixonada pela Idade Média. Em suas aulas, só havia fortalezas, calabouços, seteiras de muralhas, mata-cães, pontes levadiças, guaritas... Os cavaleiros abençoados pelo papa partiam em cruzada para libertar Jerusalém e massacrar os sarracenos. Outros se enfrentavam com lanças, lutando pelo amor de damas de belos olhos e chapéus pontudos. A Irmã Lydwine contava a história de Robin Hood, de Ivanhoé, de Ricardo Coração de Leão. “Eu vi todos no cinema!”, dizia Veronica. “Por favor, fique quieta”, se irritava a irmã Lydwine,

eles viveram há muito tempo, quando seus antepassados ainda nem tinham chegado em Ruanda”. Para a África, não havia história, pois os africanos não sabiam ler nem escrever antes de os missionários trazerem as escolas para cá. Além disso, foram os Europeus que descobriram a África e a colocaram na história. E, se houve reis em Ruanda, seria melhor esquecê-los, pois hoje em dia vivíamos em uma República. Na África, havia montanhas, vulcões, rios, lagos, desertos, florestas e até algumas vilas. Bastava decorar os nomes e saber situá-las no mapa: Kilimandjaro, Tamanrasset, Karisimbi, Tombouctou, Tanganyika, Muhabura, FoutaDjalon, Kivu, Ouagadougou... Mas, bem no meio do continente, tinha uma espécie de enorme fenda e, um dia, revelava a irmã Lydwine abaixando o tom de voz e lançando olhares desconfiados na direção do corredor, um dia a África se partiria em dois, um dia Ruanda ficaria à beira-mar, ela só não sabia especificar em qual parte do continente, se à esquerda ou à direita. Para o desespero da irmã Lydwine, toda a turma caía na gargalhada, os brancos sempre inventavam essas histórias para boi dormir, histórias para amedrontar os pobres africanos.

O professor de matemática era o sr. Van der Putten. As alunas nunca tinham ouvido ele pronunciar nenhuma palavra de francês. Ele só se comunicava com a turma por meio de números (números fran-

ceses, isso ele não podia driblar), cobrindo o quadro com fórmulas algébricas ou desenhando, com giz de todas as cores, figuras geométricas. Por outro lado, ele tinha longas conversas com o irmão Auxile em um dialeto que, sem dúvida, era de alguma tribo belga. Mas quando ele se dirigia à madre superiora, parecia usar um dialeto diferente. A madre superiora, visivelmente incomodada, respondia-lhe em francês, separando as sílabas. O sr. Van der Putten se afastava resmungando, em seu dialeto incompreensível, palavras que talvez não fossem tão grosseiras quanto pareciam para quem as ouvia.

Obviamente as aulas de religião eram de responsabilidade do padre Herménégilde. Ele demonstrava, por meio de provérbios, que os ruandeses sempre tinham adorado um Deus único que se chamava Imana, e que parecia ser irmão gêmeo de Javé, dos Hebreus da Bíblia. Os antigos ruandeses eram cristãos sem saberem e estavam só aguardando, impacientes, a chegada dos missionários para batizá-los. Porém, o diabo veio perverter a inocência deles. Sob a máscara de Ryangombe, ele conduzia os ruandeses em orgias noturnas em que demônios inomináveis possuíam seus corpos e almas, fazendo-os proferir discursos obscenos e cometer atos que a decência lhes proibia de realizar na frente de moças jovens e castas. O padre Herménégilde se benzia várias vezes ao pronunciar o nome maldito Ryangombe.

Como era feliz o professor que tinha a sorte de dar aulas em Ruanda! Em nenhum outro lugar, as alunas eram mais calmas, dóceis nem mais atentas que as alunas ruandesas. O liceu Nossa Senhora do Nilo ilustrava perfeitamente esta norma geral, com exceção de uma aula em que reinava, senão uma arruaça, ao menos certa agitação: a aula da Miss South, professora de inglês. É verdade que as alunas não entendiam por que eram obrigadas a aprender uma língua que não se falava em nenhum lugar em Ruanda, ainda que talvez pudéssemos ouvi-la em Kigali, na casa dos paquistaneses recentemente emigrados de Uganda ou (e isso mostrava bem que tipo de língua era) na casa de pastores protestantes que, como repetia o padre Herménégilde, proibiam as preces para a Virgem Maria. O porte físico e o comportamento da Miss South não ajudavam muito a tornar a língua de Shakespeare atraente. Ela era uma mulher grande, ríspida e fria, com cabelos curtos, exceto por uma longa franja que batia em seus óculos redondos, contra a qual ela lutava em vão. Ela usava sempre uma saia plissada azul, já desbotada, e uma camisa com flores malvas abotoada até o pescoço. Depois de entrar na sala com muito estrondo, ela jogava sobre a mesa uma bolsa de couro gasto, de onde tirava folhas que distribuía para toda a turma, titubeando e esbarrando nas carteiras. As alunas a olhavam fixamente, com os rostos apoiados na mão direita, só esperando que ela caísse, o

que não acontecia nunca. Durante a aula, ela recitava mais do que lia a folha com o texto, fazendo em seguida a turma repetir em coro o que ela tinha acabado de dizer. As alunas se perguntavam em voz alta se ela era cega, louca ou se estava bêbada. Frida achava que ela estava bêbada: os ingleses, garantia ela, bebem o dia inteiro doses de bebidas alcoólicas bem fortes, mais fortes que o *urwarwa*, bebem Johnny Walker, bebida que seu amigo embaixador lhe dera para provar e fez com que ela quase perdesse a cabeça. Às vezes Miss South tentava fazer a turma cantar:

My bonnie lies over the ocean

My bonnie lies over the sea...

Mas a cacofonia era tamanha que o professor da sala ao lado vinha correndo tentar restabelecer um pouco de silêncio. Enfim, suspiravam as alunas!

Este era o terceiro ano que o liceu Nossa Senhora do Nilo tinha professores franceses. Ao receber uma carta do ministério anunciando que o liceu receberia três professores franceses em sistema de cooperação, a madre superiora ficou muito preocupada e foi compartilhar suas apreensões com o padre Herménégilde. Eles teriam de lidar com jovens, algo que ela temia, e inexperientes, pois a carta dizia que eles eram, segundo uma dessas expressões bizarras que

os franceses costumam inventar, “voluntários do serviço nacional ativo”.

– Bom – concluía a madre superiora – são jovens que não quiseram fazer o serviço militar em seus países, são antimilitaristas e talvez tenham objeção moral ao serviço militar. Só faltava serem também Testemunhas de Jeová! Não é um bom presságio. Padre Herménégilde, o senhor sabe o que aconteceu na França não faz muito tempo: estudantes na rua, greves, manifestações, rebeliões, barricadas, a revolução! Precisamos ficar de olho nesses senhores, vigiar de perto o que dizem em aula, para que não venham semear a subversão e o ateísmo no espírito de nossas alunas.

– Não podemos fazer nada – respondeu o padre Herménégilde. – Se eles enviarem esses franceses, teremos de lidar com uma questão política, de diplomacia. Nosso pequeno país precisa ampliar suas relações, afinal, só temos diálogo com a Bélgica...

Os dois primeiros franceses chegaram ao liceu num carro da embaixada e deixaram a madre superiora um pouco mais calma. É certo que nenhum dos dois usava gravata e, detalhe preocupante, um deles trazia um violão na bagagem. Mas eles pareciam educados, tímidos e um pouco aturdidos por serem transplantados, tão de repente, para as profundezas da África, no meio dessas montanhas perdidas num país que, até o momento, eles ignoravam o nome. “O

sr. Lapointe, explicou um pouco vagamente o conselheiro cultural, quis vir por seus próprios meios. Ele deve chegar antes do anoitecer ou, no mais tardar, amanhã.”

O terceiro francês chegou, de fato, na manhã seguinte, na traseira de um Toyota e, gentilmente, ele ajudou as mulheres que carregavam seus bebês nas costas a descer do veículo. Como se fosse um veículo oficial, os guardas do liceu abriram o portão, que fez o seu rangido habitual. Era a segunda hora de aula e as alunas, ao menos as que se sentavam perto das janelas, viram entrar no pátio um homem jovem bem alto e bem magro, vestindo uma calça jeans totalmente desbotada e uma camisa cáqui um pouco aberta deixando ver o peito peludo, e que trazia como bagagem apenas uma mochila ornada com vários escudos. Mas o que surpreendeu as alunas que tiveram a chance de vê-lo, e arrancou delas um gritinho de surpresa, fazendo com que todas as outras se levantassem também, apesar dos protestos dos professores, foi o cabelo dele, uma cabeleira loura e espessa, que caía em um fluxo ondulado até a metade das costas.

– Ora, é uma moça – disse Godelive.

– Não é, não, você viu de frente, ele é um homem – respondeu Frida.

– É um hippie – explicou Immaculée. – Agora, nos Estados Unidos, os jovens são todos assim.

A irmã Gertrude foi correndo avisar a madre superiora.

– Ai, meu Deus, minha madre, o francês chegou!

– Ah, o francês? Mande-o entrar.

– Ai, meu Deus, o francês! Minha madre Reverenda, a senhora vai ver!

A madre superiora precisou de um grande esforço para conter seu horror ao ver o novo professor entrando no escritório.

– Sou Olivier Lapointe – disse, displicente, o francês. – Fui designado para este lugar. É aqui o liceu Nossa Senhora do Nilo, não?

A madre superiora, transtornada de indignação, não soube o que responder e, para tentar recuperar o sentido, se contentou em confiá-lo à irmã Gertrude:

– Irmã Gertrude, conduza este senhor ao quarto.

Kanyarushatsi, como as alunas o chamaram, o Cabeludo, ficou confinado em seu bangalô durante duas semanas. Disseram a ele que estavam terminando de ajustar o cronograma das aulas. Quase todos os dias, uma delegação enviada pela madre superiora – o padre Herménégilde, a irmã Gertrude, a irmã Lydwine, os professores belgas, seus compatriotas e, por fim, a própria madre superiora – tentavam, sob o pretexto de uma visita cortês, persuadi-lo a cortar o cabelo. O Cabeludo estava disposto a fazer todas as concessões: usar camisa e gravata, vestir uma calça correta. Mas, quanto ao seu cabelo, ele era intransigente.

Propuseram a ele de cortar ao menos até a nuca. Ele recusou abertamente. Ele não deixaria ninguém encostar um dedo nele. Seu cabelo longo era seu único orgulho, a obra-prima de sua juventude, toda sua razão de viver, não desistiria dele por nada no mundo.

A madre superiora bombardeou o ministério com cartas desesperadas. A cabeleira vergonhosamente longa do professor de francês ameaçava toda a moral cívica e cristã e colocava em risco a elite feminina ruandesa. O ministério escreveu uma carta envergonhada ao embaixador da França e ao seu conselheiro cultural que voltou ao liceu para ameaçar o Cabeludo. Mas foi em vão. Apesar de seu bangalô ser vigiado, as alunas ficavam ao redor espiando e viam-no com frequência, depois de lavar a cabeça, secando o longo cabelo dourado no Sol que aparecia de vez em quando. Algumas alunas chegavam mesmo a acenar para ele, chamando-o de longe: "*Kanyarushatsi! Kanyarushatsi!*". Cansados da luta, acabaram autorizando-o a dar as aulas. Ele era professor de matemática e estavam precisando de um. Contudo, a atuação dele decepcionou muito as alunas. Em aula, nunca se afastava das equações. No fundo, ele se parecia muito com o sr. Van der Putten, exceto quando se virava de costas para escrever no quadro e as alunas contemplavam, extasiadas, o fluxo ondulante de sua longa cabeleira. Quando a aula acabava e Kanyarushatsi saía da sala, as alunas mais atrevidas iam para cima dele e, com o pretexto de tirar dúvidas sobre a matéria, tentavam

encostar no seu cabelo. O professor respondia o mais rapidamente possível sem nem ousar erguer os olhos para as jovens que lhe pressionavam e empurravam. Ele acabava se liberando do grupo de curiosas e escapava, a passos largos, pelo corredor.

No fim do ano, foi enviado de volta à França. "Nós éramos, na época, alunas inexperientes do primeiro ano", lamentava Immaculée, "mas se ele ainda estivesse aqui, agora eu saberia domesticá-lo".

- Elas ainda não comeram nada, os pratos estão voltando pela metade - dizia a irmã Bénigne, desconsolada. Ela fora designada para auxiliar na cozinha a velha irmã Kizito, cujas mãos tremiam e que agora só conseguia andar se apoiando em duas bengalas. - Elas têm medo de que eu as envenene? Será que me consideram uma envenenadora? Gostaria de saber por que acham isso. Talvez por eu ser de Gisaka?

- Não se preocupe -, a irmã Kizito a tranquilizava, - em uma semana, independentemente de Gisaka, as malas estarão vazias e, gostando ou não da comida, elas serão obrigadas a comer e não deixarão nem migalha no prato.

Antes que as filhas fossem para o liceu, as mães, de fato, enchiam as malas com as iguarias mais deliciosas que uma mãe ruandesa podia preparar.

- No liceu, diziam as mães, elas só comem comida de branco. Não é bom para as ruandesas, principalmente as jovens, dizem que elas podem ficar estéreis.

As malas se transformavam, assim, em dispensas fartas onde as mães acumulavam, com todo seu amor, feijão e pasta de mandioca com molho em pequenas bacias esmaltadas com grandes flores desenhadas que elas enrolavam em um pedaço de pano, bananas cozidas uma noite inteira em fogo baixo, *ibishekes*, essa cana-de-açúcar que mastigamos repetidas vezes o miolo branco e fibroso e enchemos a boca com seu suco doce, batata doce do tipo vermelha, as *gahungezi*, espigas de milho, amendoim e até, para as que moravam na cidade, rosquinhas de todas as cores que só os suaílis sabem fazer, abacates que são vendidos apenas no mercado de Kigali e amendoins vermelhos, assados e bem salgados.

À noite, logo que a inspetora saía do dormitório, o banquete começava. Abriam as malas e espalhavam as comidinhas em cima da cama. Ainda verificavam se a inspetora estava mesmo dormindo, mas algumas irmãs, como a irmã Rita, não eram nada bobas e estavam dispostas a se corromper para participar da ceia íntima. Comparavam as provisões de cada uma, decidiam o que comer primeiro, elaboravam o menu da noite, denunciavam as que eram gulosas e tentavam surrupiar para si um pouco da sua própria dispensa que agora fazia parte do banquete comum.

Infelizmente, as provisões acabavam rápido e, no fim de duas ou três semanas, só sobravam alguns punhados de amendoim que eram guardados como último consolo para os dias difíceis. Chegava a hora

de se alimentar com o que era servido no refeitório: o trigo insosso, a pasta amarela que colava no céu da boca e que o padre Angelo – que com frequência era convidado – devorava com grande apetite e saudava com o nome sonoro de “polenta”, pequenos peixes moles e oleosos que vinham em uma lata e, às vezes, aos domingos e dias de festa, carne enlatada de não sei qual animal...

– Tudo o que os brancos comem – reclamava Godelive – vem em lata, até os pedaços de manga e abacaxi vem nadando em xarope, e as únicas bananas de verdade que nos servem são bananas açucaradas para terminar a refeição, mas não é assim que a gente come banana. Quando eu voltar para casa nas férias, vou preparar com a minha mãe bananas de verdade, vamos ficar em cima do empregado quando ele descascar e cozinhar com água e tomate. Depois, vamos acrescentar tudo o que pudermos: cebolas, óleo de palma, espinafres *irengarenga* bem macios e folhas de *isogi* bem amargo, peixinhos secos *ndagala*. Vamos nos deliciar, eu, minha mãe e minhas irmãs.

– Você não sabe de nada – disse Gloriosa – para fazer a banana é preciso um molho de amendoim, *ikinyiga*, e, depois, cozinhar bem lentamente, para que o molho possa impregnar a banana.

– Mas se você cozinhar em panela num fogão a gás, como fazem na cidade – retificava Modesta – as bananas vão cozinhar muito rápido e não ficarão

macias. Para ficarem gostosas, é preciso carvão vegetal e, principalmente, uma vasilha para assar na terra. Toma muito tempo. Vou te dar a verdadeira receita, da minha mãe. Primeiro, não se deve descascar as bananas. No fundo de uma vasilha, coloque água e, em seguida, as bananas com casca. Depois, cubra-as com uma camada de folhas de bananeira para ficarem fechadas hermeticamente. Para isso, selecione folhas intactas, sem rachaduras. Por cima, para fazer peso, coloque um pedaço de cerâmica. Deve-se esperar um tempo, a banana precisa cozinhar bem lentamente. Se você tiver paciência, as bananas ficarão bem branquinhas e muito macias. Deve-se comer com *ikivuguto*, leite batido, e convidar os vizinhos.

– Minha pobre Modesta – disse Goretti, sua mãe é sempre tão delicadinha, com essas bananas bem brancas, limpas e servidas com leite! Você vai ser sempre como ela. Vou te dizer o que você precisa preparar para o seu pai: bananas vermelhas depois de ficarem embebidas na água do feijão. Tenho certeza de que sua mãe não ousaria tocar em nada, mas quando o empregado for preparar isso para o seu pai, você precisa comer também. Então, ensine a receita para a sua mãe: ela deve descascar as bananas e, quando o feijão estiver quase cozido, jogar as bananas dentro; elas bebem toda a água que restou. Então, ficam vermelhas, morenas, e é assim que ficam suculentas, consistentes! Essas são as bananas dos ruandeses de verdade, os que têm força para manejar a enxada!

– Vocês todas – disse Virginia – vocês são moças da cidade ou filhas de ricos, vocês nunca comeram banana no campo. Lá estão as melhores! Normalmente no campo não temos tempo de voltar para casa na hora do almoço, então acendemos um foguinho e assamos uma ou duas bananas, não diretamente no fogo, é claro, mas na brasa ainda quente. Mas tem outro jeito ainda melhor: quando eu era pequena e estava com as minhas amigas, às vezes minha mãe nos dava bananas para levarmos para o campo. Depois da colheita de sorgo, cavávamos um pequeno buraco e, dentro, fazíamos fogo com as folhas de bananeira secas. Quando o fogo se consumia, tirávamos as brasas e o buraco estava vermelho, então cobríamos com uma folha de bananeira ainda verde, mergulhávamos as bananas no buraco e recobríamos com a terra quente. Por fim, usávamos uma folha de bananeira para borrar um pouco de água em cima. Quando a folha estiver seca, pode-se cobrir o buraco. A casca da banana fica parecendo um uniforme de militar camuflado e o interior fica macio: derrete na boca! Acho que depois disso nunca mais comi bananas tão gostosas.

– O que você veio fazer no liceu, então – perguntou Gloriosa – você deveria ter ficado no meio do mato comendo banana. Você teria deixado uma vaga para uma ruandesa de verdade, do povo majoritário.

– Eu sou do campo, sim, e não tenho vergonha disso, mas tenho vergonha do que acabei de dizer

e de tudo o que dissemos. Por acaso os ruandeses falam sobre o que eles comem? Esse assunto é vergonhoso para a gente e também é vergonhoso comer na frente dos outros, abrir a boca na frente de alguém e é isso o que fazemos todos os dias!

– É verdade – disse Immaculée – os brancos não têm nenhum pudor, sempre falam sobre comida. Quando meu pai precisa convidar gente em casa por causa dos negócios, os brancos ficam falando o tempo todo sobre o que eles comem, o que eles comeram e o que eles vão comer.

– E os zairenses – disse Goretti, olhando para Frida – eles comem cupins, gafanhotos, serpentes, macacos, e ainda por cima se orgulham!

– Já vai tocar o sinal para irmos ao refeitório – disse Gloriosa – está na hora de irmos, e você, Virginia, terá que abrir a boca na nossa frente para comer os restos de comida das ruandesas de verdade.

A CHUVA

Chovia sobre o liceu Nossa Senhora do Nilo. Há quantos dias, semanas? Ninguém contava mais. Como no primeiro, ou no último dia da terra, montanhas e nuvens eram um único caos trovejante. A chuva escorria pelo rosto da Nossa Senhora do Nilo, descolorindo a sua máscara de negritude. A suposta nascente do Nilo tinha inundado o lagozinho, onde ficava retida a água do rio, transformando-o numa torrente impetuosa. Os que passavam pela estrada (em Ruanda, sempre há gente passando pela estrada, nunca se sabe para onde vão, nem de onde vêm), estes se abrigavam debaixo de enormes folhas de bananeira que uma película fina de água transformava em um espelho verde.

Durante muitos meses a chuva era a Soberana de Ruanda, bem mais que o rei de antigamente ou que o presidente nos dias de hoje, todos esperam e imploram pela Chuva, é ela quem decide se haverá escassez ou abundância, sua chegada é um bom preságio para um casamento fecundo, a primeira chuva no começo da estação seca faz as crianças dançarem, erguendo o rosto na direção do céu para receber as gotas grandes e desejadas, é a chuva sem vergonha que dá a ver, debaixo do pano molhado, as formas em crescimento das jovens, ela é a Senhora violenta, birrenta, caprichosa, que crepita sobre todos os telhados de metal, tanto os escondidos debaixo do